

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ETHOS E SEMIÓTICA: ICONICIDADE VERBAL NOS TEXTOS EMOTIVOS

Ana Maria Gini Madeira (UFMG)

Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins (UERJ)

ana.poltronieri@uol.com.br

Darcília Marindir Pinto Simões (UERJ, PUCSP, UFC)

darciliasimoes@gmail.com

INTRODUÇÃO

A noção de iconicidade, postulada pela Semiótica de Peirce, vem sendo estudada na PUC-SP, desde 1970, por reconhecidos estudiosos, em pesquisas que permitem a discussão e o confronto, promovendo, assim, o crescimento contínuo, crítico e colaborativo das ideias semióticas. O grupo de pesquisa SELEPROT (Semiótica, leitura e produção de textos) tem reunido trabalhos multidisciplinares com a ideia de que o signo linguístico é a bússola orientadora para o leitor nas estratégias de leitura, compreensão e produção em incursão semiótica. Neste trabalho, analisam-se textos com as noções de “ethos prévio” e ethos discursivo, desenvolvidas pela Análise do Discurso de linha francesa (AMOSSY, 2005; MAINGUENEAU, 2005, 2008) que estão ligadas a palavras e expressões que definem valores e estereótipos sociais arraigados no discurso do cotidiano e de cunho literário. Assim, serão analisadas a ativação, a desativação e a reativação de itens lexicais ligados à produção semiótica do gênero contos de fadas (BETTELHEIM, 2007), como “madrasta”, “tia”, “pai”, “princesa”, entre outros termos, presentes nas cartas do casal Nardoni, publicadas pela mídia no ano de 2008, na intenção de mobilizar a afetividade do leitor.

1. Uma retomada dos fatos

Na noite de 29 de março de 2008, por volta das 23:30h, Isabella de Oliveira Nardoni, de 5 anos, morreu ao cair do sexto andar do edifício, onde seu pai residia. Após investigações, a polícia concluiu tratar-se de homicídio e pediu a prisão preventiva de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, respectivamente pai e madrasta de

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Isabella, como suspeitos do crime. Posteriormente indiciados, eles aguardam o julgamento em reclusão.

Desde os primeiros momentos após o ocorrido, nem Alexandre nem Anna Carolina falaram à imprensa. Porém, antes da decretação da prisão preventiva, ocorrida no dia 02 de abril, o casal divulgou duas cartas, manifestando sua inocência.

2. *Cartas de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá*

As cartas foram publicadas na imprensa um dia após a decretação da prisão preventiva de ambos, pai e madrastra, como suspeitos da morte da menina.

2.1. *Carta de Alexandre Nardoni, o pai*

Eu, como *pai*¹⁶ de três filhos, posso dizer sem dúvida um coisa: Isabella é o maior tesouro da minha vida. Tenho outros filhos meninos, mas a minha menininha era a *princesa* da casa. A Isabella sempre foi muito carinhosa comigo e com os irmãos dela. Costumava dizer que era a mãe do meu filho mais novo, o Cauã, e defendia o do meio, Pietro, acima de tudo. Quando me dei conta de que tinha perdido a minha Isabella, senti naquele momento que meu mundo acabou. Não sei como caminhar. Todos estão me julgando sem ao menos me conhecer. Não faria isso com ninguém, muito menos com a minha *filha*. Amo a Isabella incondicionalmente, e prometi a ela, em frente ao caixão que, enquanto vivo, não sossego enquanto não encontrar esse *monstro*. Tiraram a vida da minha *princesa* de uma maneira trágica e não me permitem sentir falta dela, pois me condenam por algo que não fiz.

Minha *filha*, como os irmãos dela, são tudo na minha vida. Eu estou sem rumo, mas confio que Deus me dará forças para vencer esses obstáculos, mostrando o caminho certo para a justiça. Quero a minha *filha* bem, em paz, e tenho plena certeza e consciência tranquila do meu amor, amor que tenho por ela. Pois por mais que me julguem, só eu e minha *filhinha* sabemos a dor que estamos sentindo. E o mais importante é que Isa sabe o pai que fui para ela.

Minha mãe está à base de calmante, por falta do *nosso botão de rosa*, como ela diz. Meu pai chora quando lembra dela e quando assiste a cada reportagem. Minha mãe e minha irmã choram pelo que estão fazendo. Tenho muito mais a dizer, mas espero que um dia me escutem como

¹⁶ Os itens lexicais em negrito são de nossa inteira responsabilidade.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

pai que sofre por sua *filha* e não como um *monstro* que não sou. Nós não tínhamos feito nenhuma declaração ainda porque acreditávamos que o caso seria solucionado. Nós não somos os culpados, e ainda encontrarão o culpado. Dessa forma, não precisaríamos mostrar nossa imagem, porque o nosso sofrimento é muito grande. Só que nos acusam e queremos mostrar o que realmente estamos sentindo. A verdade sempre prevalecerá

2.2. Carta de Anna Carolina, a madrasta

Sei que a palavra *madrasta* pesa ao ouvido dos outros, mas para a Isa, sei que eu era a *tia* Carol. Amo ela como amo os meus filhos. Tenho minha consciência tranquila do carinho que sempre a tratei. Ela adorava me ajudar a cuidar dos irmãos e até ensinou o mais novo a andar. Ele trocava meu colo para ficar com ela. O Pietro chamava a Isa todos os dias e só passou a ir à escola quando a Isa estudava lá. Adorava fazer de tudo para agradá-lo. Ela e o Pietro ligavam sempre para que eu os buscasse. Brincávamos ela, eu e o Pietro, de musiquinha, ciranda e de casinha. Eu, o Alexandre e minha sogra fizemos o quarto dela como ela sempre sonhou. Compramos o baú da Hello Kitty. Ela adorava as *princesas* da Disney e compramos um abajur. Mas acima de tudo isso o carinho era o que mais contava. Então o que tenho a dizer é que a Isabella era tudo para todos nós. Tenho fé que encontraremos quem fez essa crueldade com nossa pequena. Não tínhamos dado nenhuma declaração porque acreditávamos que o caso seria solucionado. “Somos inocentes e a verdade sempre prevalecerá.

(Jornal Estado de Minas. 04/04/2008. Primeiro Caderno. p. 9)

3. O conto de fadas e a função lexicológico - semiótica

Em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas*, o psicanalista americano Bruno Bettelheim estuda os principais contos de fadas da literatura ocidental, com o intuito de mostrar que grande parte de nossa herança cultural e seus níveis de significado têm origem nas principais histórias infantis. Apesar de o livro estar ligado prioritariamente à área da Psicanálise infantil, pois o autor tem como principal objetivo “sugerir por que os contos de fadas são tão significativos para as crianças, ajudando-as a lidar com os problemas psicológicos do crescimento e da integração de suas personalidades” (BETTELHEIM, 2007, p. 23), pretende-se, na primeira parte deste trabalho, resgatar o sentido do texto por meio de unidades lexicais tradicionalmente presentes nos contos de fadas que ativam isotopias ou percursos de interpretação que promovam, por consequência, as estraté-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

gias de construção do *ethos* discursivo dos enunciadores. Assim sendo, escolhemos entre várias histórias infantis estudadas por Bettelheim (2004) o conto *Branca de Neve e os sete anões*¹⁷, analisado na segunda parte do livro, intitulada *No país das fadas*. Essa escolha deve-se ao fato de o conto *Branca de Neve* conter quase todos os itens lexicais presentes nas cartas do casal Nardoni, que, a nosso ver, sustentam a compreensão e a interpretação promovidas pelo projeto comunicativo do texto.

Os principais personagens de *Branca de Neve*, em sua versão mais conhecida, a dos Irmãos Grimm, são: a princesa Branca de Neve; a madrasta, que se casa com o pai de Branca de Neve (o rei) após a morte de sua mãe; o caçador, que recebe ordens da madrasta para matar Branca de Neve, e que, em vez disso, preserva-lhe a vida; os anões, que, de acordo com os estudos de Bettelheim (2004), têm papéis análogos aos das fadas e podem ser bons ou maus; e o príncipe, que desperta Branca de Neve do sono profundo (a morte) causado pela maçã envenenada e, ao final, a pede em casamento. É interessante observar que nem todos os personagens do conto *Branca de Neve* encontram-se nas duas cartas do casal Nardoni. Por outro lado, podemos notar que aqueles que são citados nas cartas, como “pai”, “princesa” e “madrasta” agem semioticamente como signos icônicos que representam ideias, porque iniciam “processos cognitivos que geram imagens figurativas ou diagramáticas na mente leitora, a partir das quais se constrói a compreensão e a interpretação dos textos” (SIMÕES e MARTINS, 2009, p. 155). De acordo com Simões (2004), elas podem ser consideradas as “âncoras textuais”, visto que os signos linguísticos, cuja natureza é simbólica, promovem, no âmbito da teoria da Iconicidade Verbal, desenvolvida por Simões (2004, 2009), imagens representativas (signos icônicos) ou formas que induzem ao raciocínio (signos indiciais), isto é:

A função lexicológico- semiótica faz das palavras (signos atualizados em contextos frasais) signos evocadores de imagens, impregna-as de conceitos (emergentes da cultura em que se inserem) por meio dos quais o redator tenta estimular a imaginação do leitor. A mente interpretadora se tornará tanto mais capaz de produzir imagens sob o estímulo do texto quanto mais icônicos ou indiciais sejam os signos com que seja tecido o

¹⁷ De acordo com Bettelheim (2004), este título é uma corruptela do título original, que é somente *Branca de Neve*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

texto, pois, a semiose é um processo de produção de significados. O sentido é a resultante da interpretação de um significado emergente da estrutura textual e contextual de que participa, e o leitor (ou intérprete) procura desvelar um sentido que estabeleça a comunicação entre ele (leitor, coautor) e o autor primeiro do texto.” (SIMÕES, 2004, p. 128)

Neste sentido, a escolha do léxico presente nas cartas do casal Nardoni será uma estratégia importante para o projeto comunicativo do texto, que, naquele momento, é a defesa pública dos réus.

Abaixo, apresentaremos o levantamento dos principais itens lexicais das cartas do casal Nardoni por meio de uma tabela que tem por base aquela formulada por Simões (2004), cuja finalidade é

...articular as ideias subjacentes a cada item, sua significação dicionarizada mais adequada ao projeto comunicativo do texto e, por fim, sua função semiótica, por meio da qual o leitor pode estender a interpretação a outras isotopias (SIMÕES e MARTINS, 2009: 156).

Quanto às significações, não iremos somente buscá-las nos dicionários como o faz Simões (2004), mas também no livro de Betelheim (2004), porque, de acordo com as nossas análises, as cartas do casal Nardoni relacionam dois tipos de ethos: o “ethos prévio”, cujo significado encontra-se na memória coletiva por meio das experiências socioculturais, ideológicas e literárias, como é o caso dos contos de fadas; e o ethos discursivo, construído pelos enunciadores para mobilizar a afetividade dos enunciatários.

Segue a planilha utilizada por Simões (2004). Entretanto, em nossa pesquisa do levantamento lexical nas cartas, não colocaremos a coluna “Quantidade”¹⁸, porque, a nosso ver, um único item lexical pode ser uma “âncora textual” em virtude de sua força icônica no discurso, que “permite a visualização da cena, dando à narrativa uma qualidade fílmica” (SIMÕES e MARTINS, 2009, p. 161).

¹⁸ Simões (2004) usa como critério o mínimo de cinco ocorrências de um item lexical no texto.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Item lexical	Informação subjacente	Significação (1) Dicionarizada (Houaiss, on line)¹⁹	Significação (2) Bettelheim(2004)	Função semi-ótica
1-Pai	Signo que configura o poder e a proteção.	1-Homem que deu origem a outro, genitor, progenitor. 8-Aquele que pratica o bem, que beneficia, ajuda ou favorece algo ou alguém; benfeitor, protetor.	Apesar de não ser um personagem, é possível supor que a competição por ele (pai e rei) é que coloca a madrasta contra Branca de Neve. (Conflito edipiano).	Signo icônico; imagem da proteção e do amor incondicional pelos filhos.
2-Princesa	Reitera o tratamento carinhoso que o pai dispensa à filha.	6-Derivação: sentido figurado. Menina ou moça bela e graciosa.	Branca de Neve menina admirada pelo pai. Menina púbere – inocência sexual. Beleza superior à da rainha (madrasta).	Signo icônico da nobreza e da superioridade.
3-Filha, filha	Configura a imagem familiar.	1 - Cada uma das descendentes do sexo feminino em relação a seus genitores.	Relação parental de Branca de Neve	Signo icônico; representa os laços familiares.
4-Monstro	Reforça a noção de crueldade em relação ao crime que vitimou a menina Isabella. Designação para a figura do assassino.	1 - Ser disforme, fantástico e ameaçador, ger, descomunal, que pode possuir diversas formas e cujas origens remontam à mitologia, além de povoar lendas e histórias infantis da literatura universal. 3-Deriv. por ex-	Não aparece no conto <i>Branca de Neve</i> .	Signo icônico: imagem do terror, da maldade e da crueldade.

¹⁹ As acepções seguem a numeração original do dicionário Houaiss, em sua versão on-line, disponível na Internet via <http://www.educacao.uol.com.br/dicionarios>. Consultado em 24 de agosto de 2009.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

		tensão de sentido da acepção 1: indivíduo muito ruim, cruel; indivíduo desumano, atroz.		
5- Madrasta	Representa a maldade, a crueldade, aquela que “toma” o lugar da mãe.	1 - Mulher em relação aos filhos anteriores do homem com quem passa a constituir sociedade conjugal. 2 - Derivação: sentido figurado- mulher má, incapaz de sentimentos afetuosos e amigáveis.	1 - A madrasta compete com Branca de Neve pelo amor do pai. 2 - Rainha vaidosa, narcisista, ciumenta e destrutiva.	Signo icônico; representa aquela que está no lugar da mãe, mas que não tem as mesmas qualidades afetivas. É também um ícone da maldade e da vilania.
6-Tia	Signo que corrobora a imagem boa da mãe. A tia é aquela que não oprime, porque tudo permite.	4 - Regionalismo: Brasil.Tratamento carinhoso que os jovens dão às amigas de seus pais ou às mães de seus amigos, ou que, nas escolas, as crianças dispensas às suas professoras.	Não aparece no conto <i>Branca de Neve</i> .	Signo icônico da bondade e do carinho. Extensão da afetividade paterna e materna.

Note-se que o conteúdo semiótico dos signos que “ancoram” as ideias das cartas possuem uma característica que evidencia a imagem dos enunciadores em relação aos ethé “prévio” e discursivo. Assim, no próximo tópico, veremos a teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2004) aliada aos estudos do ethos, desenvolvidos atualmente pela Análise do Discurso de linha francesa.

4. Considerações sobre o “ethos prévio” e o ethos discursivo a partir dos signos icônicos

Nesta parte do trabalho, com base nos estudos da Análise do Discurso acerca da imagem do enunciador que se revela no enunciado, nas reflexões de Amossy, Maingueneau e Haddad sobre *ethos*, e ainda considerando o léxico anteriormente tratado, pretendemos ana-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

lizar que imagem ou imagens de si se revelam nas cartas de Alexandre Nardoni e de Anna Jatobá.

Em *Imagens de si no discurso* (2005, p. 16), Ruth Amossy, ao comentar estudos de Dominique Maingueneau sobre a construção do *ethos*, considera que “o enunciador deve se conferir e conferir ao seu destinatário, certo status para legitimar seu dizer” e ainda que “se cada tipo de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis, o locutor pode escolher quase livremente sua *cenografia*”, isto é, o papel que irá desempenhar para mobilizar o seu interlocutor, de acordo com os seus objetivos (do locutor)

No *Dictionnaire d'Analyse du Discours*, *Ethos* é assim definido:

Termo tomado de empréstimo da retórica antiga, o *ethos* (em grego, personagem) designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre o seu alocutário. Essa noção foi retomada pelas ciências da linguagem, e principalmente na análise do discurso, onde ela se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2002, p. 238)²⁰

Em relação às cartas de Alexandre e Anna Carolina, é possível inferir que elas tiveram a intenção de reverter uma imagem prévia dos locutores, construída a partir da divulgação do ocorrido pela mídia e do processo de investigação. Segundo Haddad (2005), a relação entre o “*ethos* prévio” (a imagem pré-existente do locutor) e o *ethos* discursivo (a imagem construída pelo locutor em seu discurso) deve ser levada em consideração ao se promover uma análise do *ethos*. Devem ainda ser estudadas as estratégias às quais o orador recorre para produzir uma impressão favorável de seu projeto argumentativo a fim de “apagar os traços negativos que lhe são atribuídos e reforçar o aspecto positivo de sua imagem.” (HADDAD, 2005, p. 145). Não nos parece ser outra a intenção dos locutores, Alexandre e Anna, ao divulgar as cartas.

Com relação à construção do “*ethos* prévio” dos locutores, já no dia 31 de março, dois dias após a morte de Isabella, a imprensa noticiava que a versão do pai, Alexandre, segundo a qual alguém entrara no apartamento na sua ausência e jogara a menina, não conven-

²⁰ A tradução é de nossa inteira responsabilidade.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cera o delegado, que declarou: “Essa versão não me convence, devido à ausência de sinais de arrombamento no apartamento”²¹, acrescentando que o pai e a madrasta não eram suspeitos, mas que estavam sendo averiguados. Em 1º de abril, já havia indícios na mídia de que alguma suspeita recaía sobre Alexandre Nardoni. Visando desfazer a imagem de culpado que começava a se formar, seu pai declarou: “Estão querendo culpar o pai. Ele não tem nada a ver com isso. Pode ter todos os defeitos, mas isso aí não. Ele é muito carinhoso”²². Ainda em favor de Alexandre, um vizinho disse ter presenciado o desespero do pai: “Ele olhava a criança, escutava o coração. (...) Ele ia da criança, no jardim, até a rua desesperado” (*Ibidem*). Mas, ainda no mesmo dia, era noticiada a hipótese de que a menina já estivesse sangrando ao entrar no apartamento. No dia 02 de abril, o jornal Estado de Minas dava o seguinte título à notícia, em letras em destaque: “Pai é suspeito de jogar menina da janela de prédio”. Informava ainda que tanto Alexandre quanto Anna Carolina tinham passado a ser considerados suspeitos e que a prisão preventiva de ambos deveria ser pedida naquele mesmo dia por motivos de segurança. Isso se devia não só à fragilidade da versão apresentada, mas também ao depoimento de vizinhos, que contradiziam essa versão, ao relatar terem ouvido gritos de criança, e vozes, principalmente de mulher, durante o que aparentava ser uma briga. Tendo em vista tratar-se de um crime hediondo, cuja vítima era uma criança, e ainda mais por serem o pai e a madrasta os possíveis executores, as notícias e depoimentos veiculados a cada dia foram dando o tom para a construção da imagem dos agora suspeitos Alexandre e Anna Carolina. Visando atenuar ou apagar essa imagem, possivelmente uma estratégia da defesa, foram produzidas e divulgadas as duas cartas, publicadas pelos mais diversos jornais, entre os quais o jornal Estado de Minas, de 4 de abril de 2008, em coluna intitulada “A Defesa”.

A carta de Alexandre Nardoni, em síntese, revela o ethos discursivo de um “pai de três filhos” devastado pela dor - “meu mundo acabou” - de perder a sua filha, que é descrita como “a minha menininha”, “a princesa da casa”, “carinhosa”, o “nosso botão de rosa”,

²¹ De acordo com a declaração divulgada no *Jornal Estado de Minas*, 31 de março de 2008, p. 7 do Primeiro Caderno, Seção Nacional.

²² *Jornal Estado de Minas*, 1º de abril de 2008, p.12 do Primeiro Caderno, Seção Nacional.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

“a minha princesa”, “minha filhinha”. Formas carinhosas, usadas por pais e parentes próximos em relação a crianças. A carta deixa perceber ainda a intenção de “mostrar o que estamos sentindo”, ou seja, mostrar os seus sentimentos e o de seus pais, no intuito de sensibilizar o seu auditório: a opinião pública, e, logicamente, a Justiça.

Visando justificar a ausência de declarações até aquele momento, e por extensão, a divulgação das cartas, diz Alexandre: “acreditávamos que o caso seria solucionado”.

Presente também no discurso está a recorrente referência ao “*ethos* prévio”, à imagem já construída pelo interlocutor. Todos os trechos a seguir o comprovam:

Todos estão me julgando sem ao menos me conhecer. Não faria isso com ninguém, muito menos com a minha filha; ...não me permitem sentir falta dela, pois me condenam por algo que não fiz. Pois por mais que me julguem... Minha mãe e minha irmã choram pelo que estão fazendo. Tenho muito mais a dizer, mas espero que um dia me escutem como pai que sofre por sua filha e não como um monstro que não sou. Nós não somos os culpados. Só que nos acusam...

Essa insistente referência pode comprovar a intenção acima citada para a divulgação das cartas, além de colocar o locutor no lugar de vítima, da opinião pública, da mídia e do engano da Justiça.

Chama ainda a atenção o modo como o locutor, por vezes, se refere à filha. Coexistem no discurso a referência à menina por meio de verbos no passado: “Costumava dizer que era mamãe do meu filho mais novo...”, os quais indicam a noção de que a existência da filha agora pertence ao passado, com o uso de verbos no presente do indicativo, o que deixa transparecer o não reconhecimento ou aceitação do ocorrido. Assim ele se expressa: “Isabella é o maior tesouro da minha vida”, “Quero a minha filha bem, em paz...”, “...só eu e minha filhinha sabemos a dor que estamos sentindo”, “E o mais importante é que Isa sabe o pai que fui para ela”. Neste último exemplo, coexistem o presente e o passado.

Outra marca na construção do *ethos* discursivo é o uso do discurso religioso “...mas confio que Deus me dará forças para vencer esses obstáculos, mostrando o caminho certo para a justiça.”. Esse recurso também ajuda a construir uma imagem positiva, de alguém

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

que se apoia em princípios religiosos e recorre à fé nos momentos de sofrimento.

Ainda que não citado textualmente na carta do pai, “o caçador”, personagem que aparece no conto *Branca de Neve* e que, de acordo com Bettelheim (2004, p. 284), age “como uma imagem adequada de uma figura paterna forte e protetora”, pode ser evocado no trecho em que Alexandre cita a promessa feita à filha *post-mortem*: “Amo a Isabella incondicionalmente, e prometi a ela, em frente ao caixão, que, enquanto vivo, não sossego enquanto não encontrar esse monstro”. Essa estratégia é uma forma de corroborar o *ethos* discursivo que está sendo construído, conforme suas próprias palavras: “Tenho muito mais a dizer, mas espero que um dia me escutem como pai que sofre por sua filha e não como monstro que não sou.”

A carta de Anna Carolina é um enunciado constituído de frases curtas em estilo direto, à maneira de uma transcrição de um depoimento oral, já que não foram utilizados os elementos de coesão característicos do texto escrito. De início recorrendo ao estereótipo do termo “madrasta” que, em suas palavras “pesa ao ouvido dos outros”, emprega-o e, ao mesmo tempo, procura desmitificá-lo, recorrendo a outro estereótipo que é o da figura da tia, signo icônico que, na carta, remete à imagem, contrária à da madrastra: “...eu era a tia Carol.”; “Brincávamos ela, eu e o Pietro, de musiquinha, cirandinha e de casinha”. Além disso, a imagem de convivência que se constrói é a de uma criança que vivia feliz em um ambiente onde era amada e tinha suas vontades atendidas, o que pode ser percebido nos trechos: “Amo ela como amo os meus filhos.”; “Eu, o Alexandre e minha sogra fizemos o quarto dela como ela sempre sonhou.” Da mesma forma que a carta de Alexandre constrói discursivamente a imagem de um pai protetor que nega a imagem do “*ethos* prévio”, a de assassino de sua própria filha, a carta de Anna Jatobá constrói o *ethos* discursivo de tia e mãe que ama, cuida, dá carinho, que vê no ocorrido uma “crueldade com a nossa pequena”. Nesse sentido, o uso do pronome “nossa” indica a inclusão de Isabella como elemento constituinte da nova família, como os demais filhos. Todos esses elementos são apropriados à desconstrução do “*ethos* prévio” que reforçava a imagem da madrasta que, por ciúme da “intrusa”, a teria maltratado e concorrido para o trágico desfecho.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Interessante assinalar o fato de, nas cartas, constarem trechos semelhantes: “Nós não tínhamos feito nenhuma declaração ainda porque acreditávamos que o caso seria solucionado”(Alexandre) e “Não tínhamos dado nenhuma declaração porque acreditávamos que o caso seria solucionado.”(Ana Jatobá); “A verdade sempre prevalecerá”(Alexandre) e “Somos inocentes e a verdade sempre prevalecerá”. Os dois primeiros chamam a atenção por serem uma clara referência à cobrança, que era feita pela opinião pública naquele momento, de uma palavra daqueles que seriam vítimas de tão trágico fato. Já os dois últimos, que servem de fecho para os dois textos, como uma espécie de profetização bíblica, parecem garantir, para os enunciadores, um ethos discursivo de inocência, seriedade e de compromisso com o bem.

5. Conclusão

Aliar a teoria da Iconicidade Verbal, ligada à semiótica, aos estudos do ethos, desenvolvidos pela Análise do Discurso de linha francesa, com o fim de estabelecer o ethos discursivo presente nas cartas de Alexandre Nardoni e de Anna Jatobá, revelou-se uma estratégia útil, uma vez que, por meio dos signos icônicos, o leitor-intérprete será capaz de identificar as estratégias de construção dos efeitos de sentido pretendidos pelo autor-locutor em seu projeto comunicativo.

As cartas do casal Nardoni ultrapassam a relação binária existente entre o significante e o significado, tal como postulou Saussure em sua teoria do signo linguístico. Vimos, neste trabalho, que os signos verbais, os itens lexicais, possuem cargas advindas de diferentes campos do conhecimento humano, tais como a Literatura, a Psicanálise, a Sociologia, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 27. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

HADDAD, Galit. “Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland”. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 145-165.

SIMÕES, Darcilia. (Org.). *Estudos semióticos. Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004.

_____. MARTINS, Ana Lúcia M. R. Poltronieri. “Teoria da iconicidade verbal”. *Caderno CieP*. São Paulo: PUC, número12, caderno12, 2009, p. 143-163.